

DIÁSPORA CONTEMPORÂNEA: UM CONVITE À REFLEXÃO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-LITERÁRIA

Rodrigo da Rosa Pereira¹

Resumo: Neste trabalho, realizamos uma breve reflexão panorâmica acerca da teoria da diáspora e seu conceito, tomando como base o contexto da história da literatura ocidental. Nossa trajetória divide-se em duas partes. Em primeiro lugar, abordamos a historiografia da diáspora, lançando um olhar sobre o desenvolvimento do conceito e suas diferentes implicações teóricas com o passar do tempo. Assim, revisitamos os possíveis sentidos do termo diáspora, metafórica e literalmente, desde a etimologia até as discussões atuais traçadas por estudiosos sobre o tema. Em segundo lugar, discutimos a noção de literatura diaspórica no mundo ocidental contemporâneo como fruto da produção de sujeitos diaspóricos, realçando as características principais desse sujeito que serão responsáveis, mais tarde, por uma consciência diaspórica crítica e autorreflexiva.

Palavras-chave: Diáspora. História da literatura. Literatura diaspórica. Sujeito diaspórico.

CONTEMPORARY DIASPORA: A CALL FOR REFLECTION FROM A LITERARY PERSPECTIVE

Abstract: This study is aimed at a brief overview reflection on the theory of Diaspora and its concept, based on the context of the history of Western literature. We divide the approach in two parts. First, the history of the Diaspora is discussed, casting a look at the concept development and its different theoretical implications over time. Thus, the possible meanings of the term Diaspora, metaphorically and literally, are

¹ Doutorando em Letras — História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Endereço eletrônico: rrpereira83@gmail.com.

revisited from the etymology to the current discussions traced by scholars on the subject. Secondly, the notion of diasporic literature in the contemporary Western world is discussed as a result of the production of diasporic individuals, highlighting the main features of this subject that will be responsible later for a diasporic critical and self-reflexive consciousness.

Keywords: Diaspora. Literary history. Diasporic literature. Diasporic subject.

Antes de tudo, cabe ressaltar que a noção de diáspora nos remete à viagem; mas nem toda viagem pode ser compreendida como diáspora, pois esta não tem o teor de casualidade das viagens de turismo, por exemplo. O termo, do grego, que significa dispersar, ou semear, está associado a ideias de migração e colonização na Ásia Menor e no Mediterrâneo, na Antiguidade — de 800 a.C. a 600 a.C. Na tradução bíblica (Deuteronômio 28:25)², a palavra designa a dispersão dos judeus exilados da Palestina depois da conquista babilônica e da destruição do Templo no ano de 586 a.C. e está associado a uma maldição: o senhor levará a ti a uma nação que não conheceste. Além dos judeus, os africanos, principalmente no século XIX, também passaram por esse movimento devido à rota atlântica dos navios negreiros que transportavam os negros, tratados como mercadorias à época, da África para o Novo Mundo.

As questões relacionadas à diáspora — fuga e sofrimento, tradição, temporalidade e organização social da memória — possuem um significado especial nos escritos de várias gerações de historiadores, religiosos e críticos que discutiram sobre o judaísmo, antissemitismo e o irracionalismo no desenvolvimento do pensamento etnocêntrico eu-

² <http://www.bibliaonline.com.br/acf/dt/28>.

ropeu. Paul Gilroy (2001, p. 382) associa esses contextos à “ideia de exílio, dispersão e escravidão”. Essas discussões foram um importante recurso para o mesmo pensar os problemas identitários da diáspora no Atlântico “negro”. Para ele, tal fenômeno promove experiências ambivalentes dos negros, como dos judeus, dentro e fora da modernidade. Inspirado na desterritorialização deleuziana e na não linearidade da física contemporânea, Gilroy define o *Atlântico negro* como uma formação rizomática e fractal, posicionando-se contra as ideias de integridade e pureza das culturas, como o absolutismo étnico. Assim, a presença do sujeito diaspórico pode quebrar o discurso determinante de uma cultura que se considera homogênea, porque questiona a relação entre identidades e pertencimento.

Outros teóricos, assim como Gilroy, estudam a manifestação e o silenciamento das culturas africanas no mundo de hoje a partir dos movimentos diaspóricos. Nei Lopes, por exemplo, na *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*, acrescenta que o termo serve também para designar, por extensão de sentido, “os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram” (2004, p. 236). Nessa concepção atual do termo, a diáspora evidencia o fluxo e o refluxo intercontinental existentes.

Hoje, é possível perceber que os trabalhos acadêmicos sobre a diáspora constituem uma longa e interessante trajetória. O início da teorização em torno da diáspora está intimamente ligado à história do tráfico de escravos da África para as Américas. A esse respeito, Linda Heywood (2010) traz uma contribuição significativa, dedicando-se ao estudo da diáspora africana nas Américas. A primeira observação da estudiosa que se faz interessante para a presente reflexão é que, diferentemente da História da África, os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a diáspora foram escritos por afro-americanos ou publicados em periódicos fundados por eles. Nesse contexto, o acadêmico e teórico das relações raciais

W. E. B. Du Bois pode ser considerado um dos fundadores desse campo de estudo, com a publicação de *The supression of the slave trade to the United States*, publicado em 1896, como o primeiro volume da série *Harvard historical studies*. Duas décadas depois, o fundador do *Journal of negro history* (1916), Carter G. Woodson, organizou o primeiro fórum acadêmico para estudos sobre a história dos africanos e seus descendentes. Woodson, editor do *Journal* até 1950, fez um esforço concentrado para publicar e promover todos os aspectos das experiências africanas e afro-americanas nas Américas do século XVI até o século XX. Na verdade, antes do surgimento do *Slavery and abolition* (1979), o *Journal of negro history* era o único periódico acadêmico dedicado exclusivamente a pesquisar a diáspora africana. Ele veiculava contribuições de acadêmicos de etnia e nacionalidade variadas e introduzia uma grande diversidade de textos que destacavam as vibrantes tradições culturais das populações afrodescendentes nas Américas, atesta Heywood.

Além disso, ainda de acordo com Heywood, o exemplo da Universidade Howard de ministrar cursos, desde 1920, sobre o negro nas civilizações antigas e o negro na civilização moderna também ajudou a institucionalizar o campo da história da diáspora africana. Apesar de pioneira em encorajar essas pesquisas, a Escola da História Negra acabou se concentrando mais na experiência dos Estados Unidos, e mais tarde não teve um impacto visível nas tendências de pesquisas e modelos teóricos que vieram a definir o campo de estudo da diáspora africana. Uma geração posterior de acadêmicos, muitos trabalhando em campos que não o da história e representando várias nacionalidades e etnias, tiveram um papel mais direto em formatar os conceitos e questões que vieram a dominar os escritos da história da diáspora africana. Os trabalhos dessa nova geração de acadêmicos começaram a surgir durante os anos 1930 até o início dos anos 1950. No entanto, o que a crítica nos ajuda a ver é que esses estudos

tiveram grandes falhas pelo fato de muitos dos pesquisadores serem etnógrafos e antropólogos, possuindo pouco ou nenhum conhecimento de história do tráfico de escravos africanos ou de história africana; por isso, deixam de consultar trabalhos disponíveis sobre esses temas.

É somente a partir dos anos 1960 que as publicações acadêmicas revolucionam o campo de estudos da diáspora africana, prosseguindo pelos 1980, apesar de focarem quase exclusivamente no comércio de escravos. O estudo pioneiro de Philip Curtin, *The Atlantic slave trade: a census*, foi a primeira tentativa séria de dar uma estimativa aproximada do número de africanos escravizados que foram para as Américas. Seguindo a argumentação de Heywood, esse foi na verdade o primeiro trabalho que revelou a forte presença centro-africana. Todavia, isso não contribuiu para o surgimento de mais pesquisas sobre as tradições culturais da África Central, já que os historiadores econômicos, interessados no estudo do comércio de escravos e seu impacto nas economias da Europa e das Américas, dominaram o campo das investigações. Assim, conforme os estudos empreendidos por Curtin, outros trabalhos do gênero destacaram a organização econômica do tráfico, padrões de investimento e lucro, a demografia escrava, mortalidade e impacto econômico do comércio na África, Europa e Américas. Os melhores estudos forneceram tabelas e gráficos sofisticados que calculavam o número de escravizados africanos que vieram para as Américas, discutiam a lucratividade do comércio (ou sua inexistência) e incluíam um leque de tabelas demográficas, descrevendo a degradação e morte associadas à “passagem do meio” (travessia do Atlântico) e os sistemas de plantações nas Américas. Outros estudos, cobrindo vários aspectos da organização e administração das fazendas, focalizando mais a história social do que cultural, também surgiram durante os anos 1970 e 1980.

Para o entendimento do conceito de diáspora de forma mais abrangente, no contexto ocidental contemporâneo, o *Dicionário das mobilidades culturais* (2010) traz o verbete “diáspora”, de autoria de Aimeé Bolaños, de modo crucialmente esclarecedor, tornando-se assim uma contribuição indispensável para este estudo. A autora parte do princípio de que hoje assistimos a uma “explosão do conceito, que responde a uma diversificada existência e produção diaspóricas, também a sua consciência reflexiva” (p. 168). Nesse contexto, Bolaños declara que “intensifica-se a análise das práticas culturais dos generalizados movimentos migratórios desta época, abre-se o conceito a entendimentos matizados, complexos, até contraditórios, tornando-se diáspora grande tema em debate da cultura contemporânea” (p. 168). Não menos interessante é a sua colocação de que “o conceito de diáspora é desenvolvido muito produtivamente nas ciências sociais contemporâneas, mobilizando o pensamento no vínculo com a categoria ainda mais abrangente da identidade” (p. 167).

Por outro lado, cabe enfatizar que a palavra *diáspora*, segundo a estudiosa, vem-nos da cultura grega, com os significados de *dispensar* ou *semear*, referindo-se a histórias de *migração*, *colonização* e *exílio*, mas é possível constatar que seu sentido muda em novos contextos geopolíticos. Nesse aspecto, em nossas formações culturais, menção especial merecem as comunidades afro-americanas, a partir do tráfico negreiro. Outro ponto crucial trazido à tona pela estudiosa e que não devemos perder de vista ao longo desta reflexão teórica é o fato de que inicialmente o significado de diáspora alude à criatividade multicultural decorrente dos contatos fecundantes das sociedades em expansão, mas que seu conceito foi permeado de exclusão e vitimização a partir da história do exílio/êxodo do povo judeu. Na atualidade, “o conceito reaparece ressemantizado na pluralidade de suas conotações viajantes, entendida a condição migrante e seu

pensamento descentrado como consubstancial à alta modernidade” (BOLAÑOS, 2010, p. 168).

Quanto aos clássicos da diáspora, para pensá-la no mundo contemporâneo, notável contribuição realiza Caren Kaplan, ao teorizar a diáspora com base em Edward Said e James Clifford. Said ocupa um lugar principal por sua concepção pós-moderna de diáspora que identifica o intelectual cosmopolita como uma figura do mundo transnacional, optando pelo uso do termo diáspora a partir dos anos 1980 no lugar de exílio pelo seu “manto inclusivo”, capaz de aludir à multiplicidade de identidades em trânsito. Na sua opinião, a cultura tem o poder de dominar, validar, interditar, marcando-se uma expressiva diferença entre pertencer na conformidade ou no criticismo; neste último caso, o artista e intelectual encarna uma energia migrante e tem uma missão libertadora nascida da sua oposição às forças devastadoras do imperialismo (SAID, 1983, p. 9). Por sua dinâmica descentrada, constitui uma figura entre domínios, entre formas, entre lares, entre linguagens, perspectiva desde a qual se torna original (SAID, 1993, p. 332). Com base na distinção entre filiação e afiliação, Said aponta para este último como sendo diretamente relacionado ao sentido da diáspora no contexto contemporâneo, dado que tem a ver com as conexões entre culturas em dispersão, sendo compensatória, criativa e desalienante.

Por outro lado, Clifford (1992, p. 101) parte de estudos acerca de identidades comunitárias para se perguntar como o discurso da diáspora representa as práticas de construção de lares longe do lar. Interessado na *dimensão diaspórica* e na não reprodução do nacionalismo decorrente desse fenômeno contemporâneo, Clifford celebra o dinamismo das *poéticas do deslocamento* de tal modo que supera o binarismo de centro/periferia, pois não está interessado em fazer da margem um novo centro, mas em estudar de forma comparativa as dinâmicas específicas de deslocamento e de viagem nos

marcos das práticas interculturais, pensando que o lugar da experiência diaspórica é sempre intermediário. Com perspectiva histórica, Clifford estuda a diáspora como *comunidades transnacionais*, *transregionais* e desenvolve sua crítica das teleologias do regresso das interpretações tradicionais de diáspora. Seu discurso pode articular tanto a generalizada migração quanto os sítios específicos da hibridez do transnacionalismo pós-moderno. Nos seus trabalhos mais recentes, o conceito de diáspora se enriquece na diferenciação não excludente com outras formas de deslocamento, tais como exílio, expatriação e a própria migração, referindo-se a histórias de habitabilidade e realocização, à criação de identidades *na dispersão* e a partir de escombros históricos. Assim, observamos que o teórico apresenta a diáspora como um termo *desestabilizador* que fala de roteiros e raízes, em transformação nas condições do mundo globalizado.

Ao lado da africana, a diáspora cubana parece ser a mais significativa no contexto das teorizações contemporâneas a respeito do fenômeno e o desenvolvimento do conceito. Reconhecidamente uma estudiosa da diáspora no mundo ocidental, Bolaños (2010, p. 173-76) contribui ainda mais para este debate teórico ao debruçar-se de modo especial sobre a diáspora cubana. Dentre os inúmeros achados significativos a esse respeito, acredito ser de grande valia a sua percepção do fato de que, na experiência cubana, ao serem ultrapassados os esquemas dicotômicos (neste caso, de Ilha e diáspora/exílio), assim como as classificações e periodizações excludentes, ganha visibilidade, sobretudo a partir dos anos 1990, a ideia da cultura cubana como uma só, com diferentes lugares de enunciação. O foco se desloca da origem fixa à formação de identidades *transcultural*, processo no qual a memória imaginária tem um papel fundamental. O interessante dessa constatação, é que de uma noção fechada de diáspora a teoria vai elaborando o entendimento dinâmico, não exclusivamente territorial, de transação.

Com base nessa argumentação, torna-se possível perceber que se nas suas trocas vernaculares cosmopolitas as culturas se fertilizam, criando um espaço simbólico, a estética da diáspora é de reutilização de matérias-primas, de tradução entre dois mundos, e sua disseminação não pode ser entendida nos marcos dos modelos que estão desabando, tais como centro/periferia, cultura-nacionalista-nação, ainda menos recuperação nostálgica, pois nas práticas artísticas da diáspora, a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, mas uma produção. Conforme demonstra Bolaños (2010, p. 185), na teoria atual da diáspora, os topos discursivos recorrentes referem-se a *viagem, origem, memória, migração, exílio, expatriação, nação, regresso, tradição, mitos fundadores, habilidade, localização, fronteira, zonas de contato, entre-lugar*, sendo o tema da *identidade/alteridade* a maior referência. Vinculados ao conceito, aparecem termos compostos de teor teórico-operativo que o matizam, fazendo possível uma trama analítica mais apurada e diversificada, como *dimensão, imaginação, espaço, sujeito cosmopolita, experiência*, que une reflexão e vivência, todos diaspóricos.

Do ponto de vista histórico-literário, na década de 1960, com o advento da Teoria Literária, a História da Literatura — configurada enquanto campo do saber, ao final do século XIX, em meio ao movimento de definição das literaturas nacionais — passa a ser atravessada por ondas de contestação, decorrentes sobretudo por razões políticas. O fato é que, até recentemente, poucos percebiam como impositivos e hierarquizantes os processos totalizadores e universalizantes que sustentam a base epistêmica de representação, significado e valor da cultura no mundo ocidental. Foi somente na segunda metade do século XX que novas teorias propiciaram noções culturais de *descentramento do poder* e abriram caminho para *políticas da diferença*. É a partir daí que teorias como a Crítica Pós-colonial e os Estudos Culturais vêm constituído instrumentos valiosos para o *processo de descolonização* em

determinadas conjunturas históricas e geográficas, notadamente nos casos das sociedades coloniais ou de países em desenvolvimento.

Em meio ao processo de consolidação de *teorias socio-políticas, culturais e históricas* associadas à literatura, os novos discursos teóricos e críticos desempenham uma influência fundamental. No âmbito das novas perspectivas em História da Literatura, os Estudos Culturais e o Pós-colonialismo têm sido os responsáveis pelo processo de rumo ao declínio das ideologias nacionalistas e pela denúncia do cânone como categoria conivente aos ideais nacionais — portanto, autoritária, homogeneizante e “colonial” — através da qual a literatura ocidental ditava o que é reconhecido como “universal”. A partir dessas novas considerações, tornaram-se possíveis configurações *outras* que apontam para a inclusão das minorias até então excluídas do discurso oficial — este que por muito tempo foi constituído somente pelas chamadas “grandes” narrativas.

Nesse viés teórico, modela-se a necessidade de realçar a importância da *experiência diaspórica* sobre a cultura e a identidade, trazendo também ao debate novas relações entre *diferença* e *pertencimento*. Dentro dos quadros de referência das novas teorias críticas do fenômeno criativo associado às literaturas da diáspora, destacam-se Homi Bhabha e Stuart Hall. Hall é autor de *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2004), duas obras bastante significativas para a discussão aqui proposta.

Stuart Hall (2003), interessado nas formações de identidade cultural diaspórica, traça seu conceito a partir do estudo das chamadas *zonas de contato*, sendo o Caribe seu cenário-chave para desenvolver um modo diaspórico paradigmático. Neste marco, aprofunda-se na metáfora da volta à Terra Prometida, tão cara aos povos de origem africana deslocados na América. Na sua interpretação, o conceito

fechado de diáspora, atrelado às ideias de tribo e pátria, apoia-se nas teleologias de origem e regresso, implicando, por sua vez, uma concepção binária de diferença que leva consigo uma fronteira de exclusão e a visão do Outro em contra-posição rígida. Enquanto isso, no abarcador tema identitário, Hall reflete sobre a estética da diáspora, iluminando as estratégias de abertura e sincréticas, numa perspectiva *dialógica*, *dialética*, de *trajetórias cruzadas* e de *crioulização*, mas no meio de relações de poder totalmente assimétricas. Hall também defende o processo fluido de fazer sentido na *transculturação* ou na *tradução cultural*, no sentido que Jaques Derrida dá ao termo, de construir significados de histórias alternativas, numa dupla escrita de apropriação dos códigos-mestres das culturas dominantes e reinvenção dos próprios.

Nesse sentido, para Hall, a estética diaspórica tem seus “centros” em *lugares instáveis*, tanto de carga quanto de perda, traduzindo variadas fontes de inspiração, ao desarticular e rearticular sentidos e subverter modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Se as culturas têm seus lugares demarcados, já não é tão fácil dizer de onde elas se originam; o centro cultural está em qualquer lugar e em lugar nenhum. Nessa nova fase, descentrada e pós-nacionalista, as lógicas culturais supõem *transplante*, *sincretização*, *diasporização*. Tal é o caso do rastafarianismo, que aproveita fontes perdidas do passado, lendo de maneira não ortodoxa, voltando os textos, inclusive os sagrados, contra si mesmos; também da reconstrução das rotas da negritude na diáspora como releitura, não mais a África um ponto de referência antropológico fixo.

Outro aspecto crucial de observarmos é que hoje a interdependência global atua em ambos os sentidos, na medida em que “o movimento para fora — de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas — tem uma correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro” (HALL, 2004, p. 81). Nesse contexto, o fato que tem chamado a atenção de modo

especial é particularmente a possibilidade de repensarmos a literatura contemporânea; ou seja, de a pensarmos segundo outros parâmetros que não mais aqueles estabelecidos a partir do conceito de estado-nação. É somente a partir dessa perspectiva que se torna possível situar a produção literária decorrente da diáspora: uma escritura decorrente das relações tanto econômicas quanto sócio-político-culturais da sociedade pós-moderna.

Do ponto de vista cultural e político, Bhabha (1998), em *O local da cultura*, nos traz mais uma importante contribuição para esse debate. De acordo com o estudioso, frente às forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno, a significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que as fronteiras epistemológicas das ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes ou mesmo dissidentes: das mulheres, dos colonizados, dos grupos minoritários, dos portadores de sexualidades policiadas, dentre outros. Além disso, o teórico sugere que os deslocamentos culturais aos quais a humanidade é submetida na atualidade geram um redimensionamento da história, tão profundo que as histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos — essas condições de fronteira e divisas — podem ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão das tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial.

Desse modo, para Bhabha, a demografia do novo internacionalismo pode ser compreendida como a *história da migração pós-colonial*, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades. Por essa razão, os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” — en-

quanto base do comparativismo cultural — estão em profundo processo de redefinição. Logo, o interessante ao estudo da literatura mundial seria justamente o modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridades.

No contexto da teoria pós-colonial, destacamos ainda Avtar Brah. Em *Cartographies of Diaspora* (1998), a autora analisa a diáspora como expressão dos movimentos migratórios generalizados e seus cruzamentos de fronteiras, interligados os conceitos de diáspora, fronteira e identidades transnacionais. Para a estudiosa, diáspora é um conceito geral, abrangente, daí sua força e fraqueza; não é uma migração eterna ou *transitória*, mas uma formação compósita que se espalha por diferentes lugares, criando comunidades imaginadas. Nessa perspectiva, o conceito assinala os processos de *multilocalização* através de fronteiras geográficas, culturais e psíquicas, bem como alude à migração de coletividades e formações comunitárias que geram lugares de longo tempo, nomeando *novos lugares de contestação sociocultural*. O interessante é que Brah vai desdobrando seu conceito plurissignificativo de diáspora e salienta que na diáspora contemporânea, ainda que fundada na dinâmica dispersiva a partir de um *locus* originário, nem sempre a aspiração do regresso é determinante, embora o tema do lar continue patente; o desejo do lar não equivale ao desejo de voltar para o lugar de partida; embora diasporizado, o lar reaparece como subtexto das novas circunstâncias de localização. Portanto, a autora demonstra que diáspora implica uma criativa tensão entre os discursos do lar e da dispersão, sendo que as narrativas produzidas pelos sujeitos diaspóricos, com papel relevante para as escrituras autobiográficas e autorreflexivas, são diferentes na medida em que cada diáspora é historicamente diferenciada e subjetiva.

Portanto, a chamada crítica pós-colonial desempenha um papel fundamental nesse (re-) pensar a produção literária

contemporânea. Ao valorizar os textos (e as vozes) advindos da diáspora, essa intervenção crítico-literária também se empenha em evidenciar que os efeitos do colonialismo europeu não desapareceram simplesmente na medida em que muitas das antigas colônias europeias alcançaram independência nacional na segunda metade do século XX. De fato, o que demonstram é que as estruturas sociais, políticas e econômicas estabelecidas sob a dominação colonial permanecem, na maioria dos casos, modulando a vida cultural, política e econômica das nações pós-coloniais.

Vimos que, ao longo dos séculos, a diáspora tem sido interpretada como uma condição natural da experiência humana e os múltiplos processos de aculturação dos indivíduos diaspóricos têm sido alvo de inúmeras pesquisas científicas de áreas tais como a Sociologia, a Antropologia e, mais recentemente, a Literatura. No contexto da globalização, a diáspora vem assumindo o caráter de fenômeno sociocultural contemporâneo, muito embora não possamos ignorar seu papel preponderante em períodos anteriores da história humana. Assim, hoje, a busca permanente de conceito para diáspora parece estar mais diretamente ligada aos sujeitos em trânsito e sua produção literária.

Cumpre salientar que o fenômeno da diáspora propiciou a formação de “enclaves” étnico-minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente, levando a uma “pluralização” de culturas e identidades nacionais. Assim, o antigo quadro de homogeneidade e de proximidade com a cultura ocidental, observado antes do início dos grandes fluxos migratórios, encontra-se em processo de reversão, dando lugar à heterogeneidade que, à medida que os imigrantes temporários se tornaram residentes estáveis (diaspóricos).

Da mesma forma que o fenômeno dos deslocamentos massivos redesenham o perfil das populações e das fronteiras entre países e continentes, contribuindo para a diluição das fronteiras acionais, ele aponta para o surgimento do que

temos chamado de *sujeito diaspórico*, indivíduo em trânsito, cuja identidade é acompanhada por sensações de não pertencimento e desterritorialização, ou de um pertencimento transnacional. De modo geral, é possível afirmar que, devido a sua condição de vida intervalar e híbrida, esse novo sujeito configura sua identidade num fluxo constante de negociação — um processo de *trânsito identitário* contínuo; e, ao oscilar entre a vontade de manutenção das raízes culturais de seu grupo de origem e a necessidade de integrar-se ao(s) novo(s) espaço(s), a sua identidade adquire um caráter múltiplo, muitas vezes conflituoso.

Por isso, a escrita literária decorrente da diáspora está diretamente ligada a uma questão mais abrangente, relacionada à identidade cultural dos sujeitos diaspóricos: essa espécie de conflito por não se situarem como pertencentes a uma cultura única, à do país de nascimento ou à do país de acolhida; pelo contrário, sua grande qualidade reside no fato de situarem-se no trânsito ele mesmo, no que Bhabha (1998) chama de *entre-lugar* ou lugar no meio — um espaço entre culturas de permanente negociação identitária. Ao reconhecer que a essência da experiência diaspórica está na dualidade, ou ainda, na multiplicidade, no hibridismo, testemunhamos o modo como o escritor em diáspora move-se entre culturas e negocia um novo espaço literário. Daí, entendemos que a contribuição de tal literatura se faz inegável para o enriquecimento do universo literário no Ocidente.

Frente a essa problemática, o escritor diaspórico parece eleger o espaço da literatura como um polifônico ponto de encontro para o duplo signo entre o “eu” e o “outro” que compõe sua identidade, uma negociação mútua entre “ser estrangeiro” e “ser nacional”, entre “pertencer” e “não pertencer” simultaneamente, capaz de registrar memórias variadas e contraditórias nos seus movimentos de afirmação e negação. Assim, esses textos apresentam uma nova geografia literária, o que Cury (2006, p. 12) chama de “espaços es-

trançados, geografias estrangeiras; uma escritura que, embora reflita sobre questões nacionais, o faz de modo distante de uma atitude autocentrada ou desinteressada de culturas estrangeiras”.

Antes de concluir a reflexão aqui conduzida, cabe uma breve consideração do processo de *recepção* do que denominamos literatura diaspórica. Em busca de resposta para a questão de como esses textos são recebidos pelos leitores, seria necessário dividir o público em dois grupos, pelo menos: os leitores igualmente diaspóricos e os não diaspóricos. Ao que tudo indica, para o segundo grupo, a primeira reação a esses textos tem sido a de recebê-los como sendo “literatura de imigrantes/ estrangeiros/ exilados” que escrevem para “casa”. Consequentemente, na medida em que a escrita diaspórica é vista como uma espécie de “sensibilidade migrante” entre dois mundos, ela é reduzida a dois únicos tipos possíveis, mutuamente excludentes: de conteúdo que alude ao local de onde vem o escritor, uma escrita nostálgica com relação às origens, ou aquela que aponta para sua luta ou resistência para ajustar-se à nova realidade, uma espécie de denúncia das dificuldades enfrentadas. O problema dessas considerações reside no fato de que, ao ser categorizada apenas nesses termos, ela se torna, na maioria dos casos, irrelevante para os cânones literários. Nessa perspectiva, percebemos que os critérios nacionalistas têm tido um efeito negativo na circulação e recepção da escrita dos grupos em diáspora, especialmente quando soma-se a essa condição a de minoria étnica ou de gênero. Por outro lado, corre-se o risco de que a experiência diaspórica torne-se relevante somente para os próprios escritores.

Tendo em vista as diversas interpretações, tanto na teoria quanto na ficção poética, recorremos novamente à Bolaños (2010), que aponta questões gerais para esta reflexão. Segundo a estudiosa, sem que seja recomendável ou mesmo viável, uma definição acabada do conceito, destaca-

se a significação teórica, epistemológica e metodológica de formulação em contextos históricos diferenciados, a partir dos diversos espaços e tempos culturais. Na diáspora contemporânea, qualquer conceitualização implica os movimentos migratórios de fase transnacional do capitalismo tardio, especialmente em relação à heterogeneidade, hibridação, transculturação e formação de novas identidades compostas. Portanto, diáspora é um conceito altamente expressivo da mobilidade de nossa época, aberto aos sentidos cambiantes do tempo humano da história da cultura. Formulado na fluidez, porosidade e abrangência de seus sentidos, resulta um verdadeiro *manto inclusivo*, por vezes também transgressivo, dos variados termos sobre migração e exílio que têm circulado historicamente.

Ainda na esteira das contribuições de Bolaños (2010, p.185-86) sobre diáspora e literatura, destacam-se as leituras heterodoxas da cultura universal e releituras míticas, o domínio da memória remanescente, a criação de imaginários transculturais em vínculo com reinterpretações da cultura originária e mundial, a criação de espaços compensatórios e o florescimento das escrituras de si mesmo, assim como o funcionamento dos textos por associação, transformação e variações, para modelar uma leitura de zonas de contato, leitores e autores imersos no *continuum* diaspórico. Da maior importância são também os aportes do conceito à reformulação do mapa das culturas no contexto transnacional, contribuindo para redesenhar a história, a crítica e a teoria literárias. Em consequência, os estudos literários têm muito a dizer na construção das concepções ontoteleológicas, especialmente no que diz respeito à transcendentalização das origens, essencialismos, metafísicas da identidade e práticas da exclusão. Por fim, cabe lembrar que a maioria dos teóricos e escritores de ficção é diaspórica. Junto ao viés teórico, desenvolvem-se formas como autobiografia não individual, biografia comunitária, autoetnografia, bioficção, autoficção

cultural e de artista, entre outras, sendo marcado o fator autorreflexivo. O próprio conceito está evidenciando algo patente em outras esferas do trabalho intelectual e do imaginário: não existem mais compartimentos estanques genéricos entre o vivido e o teorizado ou ficcionalizado; entre o ensaio e a ficção; entre o pensamento e a práxis vital e criativa.

Diante dessa realidade, torna-se evidente que os textos da diáspora evocam múltiplas reações, pondo em questão modelos teóricos consolidados, e somente podem ser valorizados com base numa perspectiva transnacional. Isso parece ser possível (de modo menos problemático) a partir da categoria da *literatura ocidental* de caráter transnacional. Entretanto, se, por um lado, quando estudados em conjunto, pela condição diaspórica em comum, tais textos contêm certos temas e padrões recorrentes, por outro, isso não justifica a tendência universalizante da teoria crítica contemporânea de categorizá-los sem as devidas considerações das especificidades e diferenças existentes dentro das próprias comunidades diaspóricas. Portanto, sugerir que essa escritura fale uma voz unificada ou que represente um coletivo uno seria distorcer os fatos.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOLAÑOS, Aimée. Diáspora. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Litteralis, 2010, p. 167-87.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London; New York: Routledge, 1998.

CLIFFORD, James. Travelling cultures. In: GROSSBERG, Laurence et al (Ed.). *Cultural Studies*. New York: Routledge, 1992, p. 96-112.

CURY, Maria Z. F. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In: BAUMGARTEN, Carlos A.; VAZ, Artur E. A.; CURY, Maria Z. F. (Org.). *Literatura e imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Rio Grande: FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006. p. 9-34

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Trad. Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEYWOOD, Linda M. (Org.). *Diáspora negra no Brasil*. Trad. Ingrid de Castro. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.

SAID, Edward. *The world, the text and the critics*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

[Recebido: 15 fev. 2016 — Aceito: 16 mar. 2016]